

REVISTA SARAU DA ALEPON

EDIÇÃO ESPECIAL 2

ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DE PONTE NOVA -
PONTE NOVA - MG



PROSA

DEDICAMOS ESTA EDIÇÃO AOS 157 ANOS DE PONTE NOVA - MG

Concerto de Aniversário do Jornal Folha de Ponte Nova

Corporação Musical Santíssima Trindade - Regente: Maestro José Paulo Gomides
Coral Vozes do Piranga - Regente: Maestro Délcio Stavanato

Quem assistiu ao 9º Concerto de Natal promovido pela Folha de Ponte Nova, em 12/12, com certeza viveu um momento inesquecível.

Eu, como membro e fundador do Coral Vozes do Piranga e como presidente da Corporação Musical Santíssima Trindade, não poderia deixar de fazer esse registro.

Quando uma empresa se compromete e abraça verdadeiramente a arte, como a Folha de Ponte Nova, faço reverências e me curvo com gratidão.

A Cultura não se sustenta e perde a sua essência quando sua razão de ser não encontra amparo e motivos para se fazer arte.

O público, o consumidor, por assim dizer, é o objetivo final mas, "estar arte" é sublime para quem produz. Outros fatores preponderantes e não menos sublimes, são os apoiadores, incentivadores que acreditam que a cultura e suas nuances podem modificar vidas e estruturas, trazer inclusões em suas diversidades.

O Jornal Folha de Ponte Nova se destaca não só pela sua credibilidade, profissionalismo e verdade, mas também no compromisso em estampar em suas páginas o potencial do Vale do Piranga. Essa parceria gera frutos, gera contentamento, sendo adubo valioso onde se semeia nossas vontades e talentos. Destaco aqui, em especial, a coluna “Arte & Cultura” do amigo e confrade Ademar Figueiredo, sempre antenado nas mais diversas manifestações culturais, tanto no centro urbano como em seu entorno.

A cultura é identidade, é um bem, um patrimônio e como tal, é primazia e conceito basilar para um povo que se nutre dela. Preservá-la é escrever e reescrever histórias, é perpetuação de valores e costumes, deleite que se torna glossário para as gerações vindouras, como luz sobre o anonimato.

Então, me resta, em nome da Corporação Musical Santíssima Trindade e do Coral Vozes do Piranga, prestar, como disse a princípio, reverências à Folha de Ponte Nova por nos dar espaço em momento tão significativo. São 35 anos levando um jornalismo sério e de grande relevância. Louvo a sensibilidade de seus diretores Itaboray e Amariles. Abraço seus colaboradores que aos poucos se assumem também como fazedores de cultura.



João Mattos



GILSON JOSÉ DE OLIVEIRA

Acadêmico Efetivo

DISCURSOS

No centenário de Salvador Ferrari

Senhor Presidente da Academia Marianense de Letras

Dr. Roque Camello

Demais Autoridades

Senhoras e senhores acadêmicos.

Venho em nome da Alepon, a essa querida cidade de Mariana, trazendo o abraço de todos, para todos, irmanados que somos desta guardiã das letras e da cultura radical e rica que é Mariana. Trago o afeto dos ponte-novenses a sua pessoa, presidente Roque Camello, admiradores da sua escola de saber que se faz ternura, de seu trabalho futurista e visionário, profetizando que o futuro se faz com o respeito às origens e às identidades.

Trago também a saudade doce e responsável da figura centenária de Dr. Salvador Geraldo Ferrari, que se faz tão fortemente presente na ausência, já que o vazio corporal denuncia o significado profundo de sua profícua e estética existência. Bem faz a Academia Marianense em timbrar esta gloriosa passagem com a solenidade desta tarde de outono. Mariana, genetriz não só de Minas, mas da própria mineiridade, é a plataforma ideal de se compartilhar com estrelas e astros um luminar tão reluzente como o foi Dr. Ferrari. Numa época de compartilhamentos minúsculos e gracejantes, que espalham cizânia de pessimismo, é significativo compartilhar Dr. Ferrari, referência dos mais genuínos valores e da boa, bela e verdadeira tradição de mineiridade, da qual Mariana é a célula mater.

Aqui, o sentimento de humanismo brotou e floresceu, escorreu de cristalinas águas e se apurou nas bateias do conhecimento, no cultivo das virtudes, nas manifestações cívicas e nacionalistas, no sentido profundo do serviço à coletividade, na fé pujante e indestrutível como as pedras que amparam seu chão. Mariana, berço de um modus vivendi apurado na família, no gosto em estar, em ser, em existir. As mãos engenhosas multiplicam as colheitas de versos eternos, em profecias e martírios, em telas e canções, tudo, enfim, produzido com esmero, contribuindo para conservar ainda hoje, uma nação, uma gente rara, uma estirpe, um DNA étnico que partiu daqui para engendrar Minas Gerais completamente e deixar sua identidade.

Dr. Ferrari, nascido em Ponte Nova, bebeu desta fonte rica, e carregou pela vida afora esse sentimento de Mariana, essa marca indelével da potencialidade do ser humano, retornando depois a Ponte Nova, acrescido dessas veias que circulam utopias, idealismo e engajamento.

O nosso tempo celebra ídolos de barro, gente vazia, celebra corpos e apelos, e silencia as mentes, os pensamentos, os guias autênticos. Todo espaço é dado aos fugazes e midiáticos sem conteúdo, enquanto que os verdadeiros tesouros espirituais, intelectuais, culturais, são brutalmente soterrados por uma tsunami de falas sem nexos. Daí que lançar Ferrari a partir dessa plataforma chamada Mariana é um ato de resistência e bravura. É ter a coragem de, depois de ter caminhado tanto ou remado exaustivamente contra a maré, fazer corajosamente tudo de novo. Embora a vida de Dr. Ferrari fale por si, é imperativo imortalizar sua pregação com efemérides deste porte, para que não se cale a sua escola de arte do bem viver.

Ferrari viveu intensamente sua Ponte Nova e sua Mariana, amando estas duas cidades com ardor. Mas esteve conectado com o mundo, procurando enxergar o todo para servir melhor a sua parte. Globalizou-se o quanto pode, deslocando-se física e mentalmente, antenado, sintonizado com os avanços do mundo, suas pesquisas, suas tecnologias, suas descobertas, sempre operando uma síntese perfeita que não olvida o passado, não elimina os valores e os engenhos dos mestres do pensamento, da arte, bem como os monumentos e os símbolos, as expressões diversas. Conjugou com sabedoria a identidade, preservada, aperfeiçoada em seus trabalhos literários e científicos, mas totalmente aberto à diversidade. Como Drummond, poderia dizer: “da janela dos meus olhos vejo o mundo”.

Sua grandeza estava exatamente aí: a capacidade de enxergar tudo o que circunda o planeta, peneirando o que é bom, mas olhando também para dentro do ser humano. Aí acolheu com ternura, ensinou com bondade, a ponto de não se poder dizer se o médico era professor ou se o professor era médico: a vontade de ensinar se confundia com a de curar. Para isso fazia uso de um medicamento raro, a ele tão caro, distribuído gratuita e inesgotavelmente: a palavra amorosa, saída das profundezas do coração.

Nossas academias, de Mariana e de Ponte Nova, foram, ao tempo de sua vida, extensões deste múnus que tomou para si: ensinar e medicar, e assim curava as duas chagas da alma: a de saber e a superar a dor.

São esses valores que dão sentido à vida, pois nos humanizam, nos educam, pois, educar é nos tornar humanos. Valores tão ausentes, lamentavelmente, nos dias de hoje. Quão triste é nos assustarmos diariamente com a desumanização que assombra a humanidade: pessoas abatidas em bando, com mísseis da bestialidade; irmãos que não se entendem numa Faixa de Gaza, e se bombardeiam em vinganças intermináveis; o trânsito intransitável e mortífero; a morte rolando no chão bem em frente ao Hospital, onde se devia cuidar da vida, mas o dinheiro o impede, porque o lucro se tornou absoluto. Tempos caóticos, bárbaros, de estranhamento absurdo entre os humanos.

Ferrari é a contramão dessa barbárie. É a vida latejante, calma, falando baixinho para ser ouvida, sorrindo, declamando, comentando, incentivando, admirando. Assim era o grande Dr. Salvador Geraldo Ferrari, há cem anos nascido, eternamente uma lição da arte de viver eternizada nessa Sessão Solene, homem que conheceu o mundo, mas que talvez o mundo não tenha conhecido, mas precisa conhecer, pois foi exatamente aquilo que o Cristo um dia disse: “Eu sou a luz do mundo. Vós sois a luz do mundo”.

Ferrari iluminava. Ilumina de onde está, em sua memória, em seu legado transcendental. Celebrá-lo é colocá-lo como um luzeiro que possa ser seguido com segurança.

Tenho Dito

Por Amor à Alepon

(Discurso do acadêmico Gilson José de Oliveira, na sessão de posse como presidente da Alepon, em 25-11-2014).

Exm^a Senhora, Presidente Wilma Quintiliano
Senhor Prefeito Municipal, Paulo Augusto Malta Moreira
Autoridades presentes

“Quão maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor, e insondáveis, os teus desígnios!” (Salmo 92,5).

Meus pares nesta douta Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova me conduzem ao múnus da sua presidência para o biênio 2015-2016. Há muito despido dos sentimentos vãos, desnudado por completo da ilusória aparência das honrarias, aceito a investidura, despojado de qualquer vaidade, porém movido pelo impulso vocacional que de longe me arrasta: o serviço. A mística que me move e comove desde os primórdios juvenis não é outra que a do adágio evangélico: “Vim para servir” (Mt 20, 28).

Venho por amor à Alepon. O amor é um aprendizado que se realiza a medida em que se conhece. Nada há que se conheça, que não tenha antes passado pelos sentidos, ensinava o mestre Aristóteles. Por sentidos, compreendia as formas da percepção relativas ao olfato, à visão, à audição, ao paladar e ao tato. Sentir a Alepon na métrica de seus versos, na sua harmonia musical, na contemplação das artes plásticas, em suas múltiplas representações, proporciona um conhecimento de si e da vida.

Outro mestre, Jesus, justificando a radicalidade do seu amor, alia-o ao conhecimento, quando afirma: “Conheço as minhas ovelhas e sou conhecido por elas; assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai; e entrego minha vida pelas ovelhas”. (Jo 10, 16-15). Seu bom discípulo João afirmar: Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor. (Jo 4,8).

A referência bíblica nos faz evocar um sexto sentido, transcendente, metafísico, que é a dimensão do afeto, do conhecimento que agrega a responsabilidade de quem conhece pelo sujeito conhecido. Já não falamos de coisas, objetos, mas de sujeitos que se conhecem e se dão a conhecer, da relação afetiva e construtiva que se abre a partir do conhecimento.

Agostinho de Hipona, nas agruras de seu caminho místico, peregrinando em desgastantes buscas pela verdade, encontrou-a no amor benevolente e caridoso, e dessa experiência épica da espiritualidade, deixou-nos este testemunho do quanto conhecer é amar, do quanto se passa da dimensão física para a metafísica:

"Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei!
Eis que habitáveis dentro de mim, e eu, lá fora, a procurar-Vos!
Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes.
Estáveis comigo e eu não estava Convosco!
Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria, se não existisse em Vós.
Porém, chamastes-me, com uma voz tão forte, que rompestes a minha Surdez!
Brilhastes, cintilastes, e logo afugentastes a minha cegueira!
Exalastes Perfume: respirei-o, a plenos pulmões, suspirando por Vós.
Saboreei-Vos e, agora, tenho fome e sede de Vós.
Tocastes-me e ardi, no desejo da Vossa Paz".

Eis a comunicação a que servem os sentidos, mas emitindo um grito que ecoa para além do corpo, para além do tempo e do espaço: quiçá um sexto sentido que “pode estar dentro do peito, ou caminha pelo ar, pode estar aqui do lado, bem mais perto que pensamos: a folha da juventude é o nome certo desse amor”, canta Milton Nascimento. Esgotadas e satisfeitas as buscas físicas e sensoriais, permanece a ardência “no desejo da Vossa Paz”. O conhecimento irmana, aproxima e como que liga as pessoas a uma dimensão suprassensível, cuja conexão só o amor possibilita.

Conheci a Alepon no tempo propício, este tempo em que tenho lhe dedicado meu tempo, a tempo de conhecer suas razões de fundo, seus objetivos, seus propósitos, sua missão, seus sonhos e utopias. E esta convivência nos faz conhecer melhor as pessoas que a compõem, para amá-las nas suas singularidades. (Oportuno e lúcido o artigo História da Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova, da confrreira Ludovina Pires, que compõe a Terceira Antologia da Alepon, agora publicada). Defrontamo-nos então, com o desprendimento de uns, o otimismo de outros, o arrojo, a dedicação, o cuidado, o zelo de tantos em fazer desta agremiação uma grandeza.

Nesta trilha, estou. Sigo a alheta dos vultos memoráveis que fundaram e presidiram a Academia, a ela serviram em diversas funções, movidas pelo amor. Tenho nas mãos a chama que fumeja altaneira, a alumiar as sendas vastas e profundas da identidade cultural destas sesmarias e cercanias que nos abrigam. As artes em geral, e a literatura em particular, são, em si, revolucionárias. Um simples intróito nesta vereda nos faz vislumbrar sua veia transformadora: a Semana de Arte Moderna de 1922, propugnando um Brasil brasileiro, o movimento Bossa-Nova, carregado de uma inspiração nacionalista, a MPB, o Teatro Popular, o Cinema Novo, o Clube da Esquina, todos engendrando a consciência nacional, pautados nos valores pátrios e rechaçando os paradigmas norte-americanos e europeus

A literatura ponte-novense, altiva, pujante e bela, densa e diversa, tem essa marca de lançar luzes, ora satirizando, ora enaltecendo, contrapondo, confrontando o status quo, ou apontando horizontes diferentes e mais longínquos. Assim o atesta a importante “A História da Literatura em Ponte Nova”, publicada no ano passado pela Alepon.

Revolucionários, na estética e no escopo, foram os nossos grandes mestres da literatura brasileira, muitos deles patronos nestas cadeiras que nos acomodam imortais: Graciliano, Guimarães Rosa, Drummond, o Carlos, e Drummond, o Roberto, Paulo Freire, Dias Gomes, Quintana, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Tomás Antônio Gonzaga e tantos outros. Nessas fileiras, nosso múnus não tem sido e não será o dos receios e tergiversações, nem o das mesmices e repetições insossas, mas o da criação e recriação da própria vida que se reflete na arte, e que dá um sentido de imortalidade ao instante e à existência. A autenticidade da arte se mede pela capacidade de sua alma em revolucionar o sentido de si e o sentido do mundo.

A hora presente nos cobra tenacidade e clarividência, destemor e ousadia, pois é agora, nesse tempo que se chama hoje, que se plasma um mundo novo, e este é o instante em que amor e conhecimento devem se mesclar na nossa imprescindível contribuição ao novo mundo. Agremiação gerada na proposta estética, a Alepon obriga-se também à ética, na convivência amorosa e no conhecimento fértil, contribuindo para recriar o gosto pela vida prazerosa, negada nessa hegemonia do lucro e do poder.

Que nossos sonhos sejam possíveis: uma ainda maior e imediata conectividade com o planeta, consagrar ainda mais a referência regional que já somos. Sem perder nada do tudo que se construiu até aqui, nesta presença viandante e luminosa na sociedade ponte-novense e regional. Tarefas nada modestas, mas, vigorosos, portamos as palavras de Guimarães Rosa:

“O correr da vida embrulha tudo.

A vida é assim: esquentada e esfria,

aperta e daí afrouxa,

sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem”.

Obrigado!

Seguiremos Juntos

(Discurso deixando a Presidência da Alepon)

Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte.

Zygmunt Bauman

Encerramos nesta data mais um biênio da Alepon, no qual nos incumbimos da presidência, com o modesto propósito de continuar o nada modesto mandato anterior da Wilma Quintiliano. O tempo passou célere e aqui estamos, como atletas da Olimpíada da Vida, passando a tocha para as mãos que vão conduzi-la por mais um tempo, garantindo sua perpetuação como entidade significativa no contexto sociocultural de Ponte Nova. Só concluímos dignamente esta tarefa porque ao nosso lado colaboram acadêmicos e acadêmicas de brio e vontade de poder.

Todos juntos somos fortes

Somos flecha e somos arco

Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
- ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer. (Chico Buarque)

Nossa participação na Academia não se atém ao período de presidência, mas desde a nossa posse como acadêmico, em 2007. Jamais deixamos de honrar o seu nome, de divulgar seus feitos e seus valores mais nobres.

Quando na função de secretário municipal de cultura, tínhamos uma convicção que funcionava como um princípio: uma cidade se faz pela vitalidade de suas instituições, que devem ser potencializadas como fator de capital social. Creio no capital social como fator de convivência, como elemento de agregação de valores, como contenção da escalada da violência. Uma cidade que acumula capital social advinda de instituições, e tem baixos níveis de violência, pois, a convivência em grupos influencia e exige escolhas que sejam aprovadas no grupo, numa espécie de socionomia. Distinguimos naquele período a Alepon, compreendendo sua grandeza.

Para Bourdieu o capital social é o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento. O volume de capital social que um agente particular possui depende da extensão da rede de ligações que ele pode mobilizar e do volume de capital-econômico, cultural ou simbólico, possuído por cada um daqueles a quem ele está ligado (BOURDIEU, 1980).

Para Putnam (1993), o capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade facilitando as ações coordenadas.

Francis Fukuyama entende que “o capital social se expressa de formas corpóreas que é preciso desenvolverem. Considera que pode desempenhar um papel basilar na sociedade. Fukuyama explica-nos que “só as boas condutas” produzem capital social. Os valores errados não. Portanto, considera que as normas para produzirem capital social devem incluir valores como: confiança e obrigações de reciprocidade (FUKUYAMA, 1999 apud CASTRO, 2004).

Neste contexto, apoiamos decididamente, não só a Alepon, mas outras instituições, culturais da nossa Ponte Nova.

Portanto, o prosseguimento da Alepon em suas tarefas consuetudinárias, é o testemunho do nosso esforço coletivo pela cidade que amamos, pelos valores que cultivamos, e que pretendemos que sejam sempre pautados na ética e na estética.

Tenho às vezes a tentação de me recolher, como muitos fazem, nesses tempos de individualismo, de fechamento, de validade daquilo que Górgias apregoava de cidade em cidade grega: “O homem é a medida de todas as coisas”. Mas o desafio à interação, à convocação da cidade, não me deixa hibernar atrás de um computador ou de smartfone, ipad, ou o que seja. Creio no engajamento.

Creio no toque, na palavra, na presença, creio no abraço, e creio que podemos ajudar essa cidade a ser mais feliz. Cidade que amo como minha, porque nela tenho dado o melhor de mim, e se não há reconhecimento, há o destino, pois ela, a cidade, me deu o que mais tem sentido em minha vida, as pessoas que mais amo, esposa e filha, aqui nascidas. Por isso, se algo fizemos nesse tempo recente e no tempo anterior, não são obras, são caminhos, como um dia assinalou Heidegger acerca de seus trabalhos.

Daí um compromisso maior com a cidade, sempre em busca da felicidade, como algo que não se alcança sozinho e de forma egoísta, mas nos consumindo no serviço ao coletivo, sem exigir nada em troca.

Segue seu caminho, Alepon, que seja um caminho do bem e do amor. Seguiremos juntos!

Mahatma Ferrari, bem aventurado e sábio
“Feliz quem promove a sabedoria!” (Provérbios 3, 13)

O autor humano deste provérbio sapiencial, o sábio Salomão, profetizava a figura sorridente e serena do sábio SALVADOR GERALDO FERRARI. Sua longevidade tanto nos fez bem, sustentada pela paz de uma vida interior, sabendo viver, ficando com o que é útil, descartando o que é supérfluo.

Escolheu viver o bem e para o bem, por isto viveu muito e bem! Esta escolha lhe trouxe a serenidade, não deixando sequer espaço para a angústia.

Perpetuou um legado que se assenta sobre os mais altos valores, além da sagrada medicina. Trata-se de alguém cuja trajetória é de todos conhecida.

Ponte-novense de 1914, formou-se na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1935, obtendo menção honrosa em Pediatria. Especializou-se Ginecologia e Obstetrícia. Fez estudos nos Estados Unidos, Espanha, Inglaterra, França e Israel. Foi festejado professor da Escola Nossa Senhora Auxiliadora e da Faculdade de Ciências Humanas de Ponte Nova. Foi prefeito da histórica, vizinha e querida cidade de Mariana, onde é reverenciado por sua conduta proba e diligência notável à frente do paço Municipal.

Recebeu a Medalha Carlos Chagas em 1980, conferida pelo Governo de Minas. Dr. Ferrari recebeu também, em 1982, Diploma e Medalha do Estado de Minas, comemorativos ao dia de Mariana. Em 1990, recebeu Medalha Ordem do Mérito Legislativo do Estado. Foi vice-presidente da Associação Médica de Minas e provedor do Hospital de Nossa Senhora das Dores. Viúvo de Francisca Motta Ferrari, deixa um filho – o também médico Antônio Eugênio – a Nora, e três netos. Dr. Ferrari foi ainda membro da Academia Marial de Aparecida-SP.

Ponte Nova está enlutada com o seu passamento, mas estamos proibidos de exagerar no pranto de quem soube sorrir tanto! Desde sua brilhante passagem pela Faculdade Nacional de Medicina, suas muitas viagens internacionais, encontros vivos com a História, sua vida tem sido pautada na ética.

Serviu de forma honrada e soberana! Todo bom ponte-novense sabe que, hoje, vai-se um escritor e poeta com amplo domínio dos idiomas. Um dos fundadores da ALEPON, sempre transformou em magnas aulas suas intervenções, versando com amplitude sapiencial, da filosofia até a mitologia, passando com profundidade por várias áreas do conhecimento.

Quantas vezes o vimos brincar com as palavras, qual menino, mais feliz que Drummond, que lutava com as palavras. Ferrari brincava e se satisfazia com elas, sem esforço e cansaço. Era-lhes devotado e familiar. Por isso se divertia e jogava, distraíndo-as.

Já o vimos chorar ao se lembrar da esposa Chiquita, amada e distante. Quando a perdeu, perdeu um tanto de si, como se ela o tivesse deixado vazio. Hoje a reencontra, para de novo se plenificar. Mas não só a ela: encontra também a humanidade inteira redimida e justificada, á qual dedicou seu saber e seu amor.

Vai-se o Pequeno Grande Homem, alma grande, Mahatma Ferrari, guru e guia, conselheiro seguro, sacerdócio paralelo!

Dr. Ferrari, tu és um bem-aventurado!

Semeavas a paz e por isso, grande será tua recompensa nos céus!

(Oração Fúnebre proferida pelo Acadêmico Gilson José de Oliveira, Secretário Municipal de Cultura, durante as Exéquias de Dr. Salvador Ferrari, no interior da Capela do Hospital Nossa Senhora das Dores).

Alepon publica sua 4ª Antologia e mais sete autores

As obras foram patrocinadas por emenda impositiva ao Orçamento do Município.

A Alepon apresentou em 10/11, a publicação de 8 livros, contemplados por parte da emenda impositiva indicada pelo vereador Guto Malta ao orçamento do município. O evento teve lugar no salão Cacau Mayrink, no Esporte Clube Palmeirense.

Os critérios para a publicação foram: em primeiro lugar, contemplar aqueles que nunca tivessem ainda publicado uma obra, em segundo lugar os que nunca tivessem publicado através de projetos anteriores, e por último, que fossem obras prontas, diagramadas e que não ultrapassassem 100 páginas.

Os autores contemplados foram Alfredo Padovani, Catarina Fois, Ester Trindade, Humberto Martins, Gilson de Oliveira, José Camilo e Wilza Mayrink. Além desses sete autores, foi publicada uma Antologia, a quarta da Alepon, incluindo a biografia e textos de vários acadêmicos, efetivos e correspondentes.

Na segunda Antologia se pode ler em uma apresentação que Ludovina Pires, de saudosa memória, nos faz, que a palavra antologia tem uma raiz em flores e poemas. Tudo sintetizado em beleza. Pois o mundo tem fome, necessidade, de estética. Carece de beleza: ela humaniza os espaços, as relações, ao mesmo tempo em que aponta caminhos certos, não atalhos perigosos.

Compuseram a mesa a presidente da Academia, Beth Iacomini, José Alfredo Padovani, Gilson de Oliveira, da coordenação do projeto, Marcelo Carvalho, da secretaria Municipal de Cultura, e o vereador Guto Malta, autor da emenda e presidente do Esporte Clube Palmeirense. Entre os coordenadores do projeto, destaque para a acadêmica Wilma Quintiliano de Oliveira, responsável pela produção técnica do mesmo.

Após as palavras dos membros da mesa, cada autor teve um tempo para expor as linhas gerais de sua obra e depois puderam autografar para o público presente os livros distribuídos gratuitamente.

Desse modo, a Alepon mantém sua missão de valorizar e produzir cultura, discutir a história local, valorizar a identidade local.

SESSÃO DE LANÇAMENTOS DE LIVROS



SESSÃO DE LANÇAMENTO DE LIVROS



DISTRIBUIÇÃO DOS LIVROS

Começou no dia do lançamento. Todos os presentes receberam livros autografados pelos autores. Seguiu-se a distribuição para as instituições escolares e bibliotecas públicas do município de Ponte Nova. O trio de Acadêmicos: José Camilo Filho, Ester Trindade e Maria das Graças Bigon fez um trabalho dinâmico e eficiente. Partiu para a lida com alegria, coragem e amor. Parabéns!

ALEPON

À caminho de sua Missão
"Oh bendito o que semeia
Livros, livros à mão cheia
E faz o povo pensar
O livro caindo n'alma
É germe que faz a palma
É chuva que cai no mar."

Em Prosa e Verso segue a Alepon em sua Missão de levar a Cultura a todos. Saímos em caminhada rumo às escolas para entregar os livros publicados esse ano.

Sete livros embrulhados
Num pacote transparente
Laço de fita vermelha
Alepon - chega contente.

Foi assim nosso trabalho. Levantando cedo, organizando os kits de livros e visitando cada escola, oferecendo a oportunidade de desenvolvimento da leitura para o próximo ano.

Um trabalho feito por muitas mãos e que não hesitaram em cumprir a Missão Educativa.

Foi gratificante!

O carinho de quem recebeu

E os gestos do coração.

Texto de Graça Sanches e Ester Trindade





ESTER TRINDADE











JOSÉ CAMILO FILHO

ESSA BIRRENTA E MIMOSA FLOR DO LÁCIO

Recentemente, todos os ensinamentos da Língua Portuguesa nas escolas sofreram mudanças radicais excluindo-se de sua filosofia o conceito arraigado das ciências exatas: certo e errado. A evolução dos humanismos mostrou que os povos na realidade têm dois idiomas: um escrito nos livros constituindo a língua oficial; o outro, uma gama de sons na boca do povo como ferramenta de comunicação dos seres humanos. Os dois, sob certos aspectos, bem diferentes entre si.

Os exegetas da filologia parecem não ter mais dúvidas de que assim o foi no passado e assim o será no futuro. Basta olharmos para a origem do nosso idioma a que por força da história chamamos Português e veremos que ele nada mais é que um esboroamento dos esboroamentos da língua oficial dos romanos levada por suas conquistas da idade antiga à península Itálica, mais precisamente a um pequeno território denominado na época por “Latium”. Tratando-se de região portuária, ali foi tal a desordem da comunicação entre pessoas saindo e chegando que da clássica língua romana em pouco tempo só restavam vestígios. Compreendendo que a poderosa espada romana dominara o espaço físico, mas não controlara a comunicação dos povos vencidos, nada mais puderam fazer os então altivos senhores do mundo que batizar essa mistura de sua preciosa língua com os falares locais de “Sermos Vulgaris”. Era a miscelânea de falares românicos que produziram as hoje conhecidas línguas neolatinas ou línguas românicas. É por volta do Século XII começa a aparecer a mais recente delas falada pelos lusitanos, uma divisão dos povos celtiberos. Trazida à América pelos grandes descobrimentos dos finais da

Idade Média, está agora no Brasil muito diferente do primitivo idioma lusitano.

Indiscutivelmente a língua é um ser vivo. Sofre as mudanças da humanidade. Daí os conceitos de certo e errado estarem hoje evoluídos respectivamente para adequado e inadequado. Não raro estamos nos deparando com discussões acaloradas entre autoridades do nosso idioma, cada uma delas expondo opiniões sobre aspectos de suas performances faladas e escrita. Paralelamente, por exemplo, aos hábitos à mesa, nosso idioma tal como as normas da boa educação, é nos dias atuais um simples medidor de bons conhecimentos. Mede a bagagem cultural de um indivíduo pela sua maneira de se expressar, tanto na linguagem escrita como na verbal. E tais medidores são agora conhecidos nos meios acadêmicos como “normas cultas da língua”

Julho/1995

NESTE PAÍS DOS “SEM”

Teria eu lá meus dez anos de até então feliz existência quando conheci aquele velho falante, brincalhão e festeiro. Barbas e cabelos grisalhos davam conta dos entas adiantados, mas exercia ainda com muita energia o ofício de pedreiro. Tinha o cacoete de andar assobiando velhos sucessos de Vicente Celestino, Silvio Caldas, Noel Rosa e João de Barro. Presenciando certa vez uma traquinada da minha parte naqueles verdejantes baixadões, pronunciou o apelido que como uma mancha de tinta na roupa jamais se apagaria. É que eu havia tentado puxar o rabo da Bordada, vaca que poderia ter sido o pavor de muitos bons toureiros.

- Sem ideia! – Sô Joaquim Pedreiro vociferara me repreendendo.

Grande pregador de peças seu Joaquim Pedreiro um dia veio com a história do cabritinho. Prometeu-me trazer o bicho em breve. Eu lá fui passar noites e noites acordado não vendo a hora de vê-lo pastando docemente no quintal. E cobrado insistentemente a partir do dia da promessa o velho maroto sempre informava estar o cabrito na olaria anexa a um lindo pasto, o que me iludiu inteiramente. Até que cansado de esperar fui conferir na olaria se o bicho estava mesmo lá e então surpreendi o velhote com a cobrança “In Loco”. E atrás da pilha de tijolos mostrou-me o quadrúpede muito bonitinho até; orelhas grandes; olhos brilhantes; pelo lúcido, só que... o caprino era uma arte plástica de argila. E Sô Joaquim me disse entre desanimado e sarcástico:

- Sem ideia! Eu me esqueci de dizer que o cabrito era de barro seco.

Disse isso enquanto uma torrente de lágrimas descia até meus pés; e a mãe do velho cretino que nem sequer era mais deste mundo tinha a sua inocente memória apedrejada. E vi Sô Joaquim pedreiro sumir vagarosamente na esteira do templo, mas embora já vítima de um violento AVC com a pronúncia ininteligível e o andar arrastado, sempre que me via tartamudeava sorridente o “sem ideia”. Lá se vai uma montanha de lustros. Apesar de frustrado em meu intento de possuir o cabrito, pude conhecer uma esplêndido artista, como tantos outros, morto no anonimato.

No vocabulário humilde daquele Mestre Vitalino dos confins da Mantiqueira não existia certamente o verbete “juízo” mas ele não deixará de ser um exemplo, já que inocentemente vaticinava a então geração emergente dos “sem”. Se para ele eu fui um “sem ideia” no passado, hoje estou por aí na pessoa dos “sem terra”, dos “sem teto”, dos “sem roupas”, dos “sem

escola”, dos “sem saúde”, dos “sem alimentação” ; “sem”, “sem” , “sem”. Isso porque somos todos “sem ideia” acreditando em promessas eleitorais que nada mais são que cabritos de argila; jamais terão vida.

Março/1996

NOSSO FANATISMO DE CADA DIA

Realmente degradantes foram as cenas levadas ao ar em que um indivíduo, tomado de cego descontrole emocional, aplicou diversos pontapés em uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, pronunciando improperios ao culto católico romano. Digno de pena, o infeliz cidadão tentava alertar seus compatriotas para aquilo que ele julgava ser um fanatismo, ao mesmo tempo em que tentava implantar o seu fanatismo próprio. Coitado! Não teve um mínimo lampejo de memória para lembrar-se de que a figura da Virgem de Aparecida já ultrapassou há mais de um século os limites da fé católica brasileira. Atualmente, o culto a Nossa Senhora Aparecida e sua imagem encontrada nas águas do Rio Paraíba, há mais de dois séculos, por simples pescadores, pode ombrear-se com a bandeira e o hino pátrios. Algo como Fátima em Portugal, Guadalupe no México ou Lourdes na França.

A história das religiões no mundo mistura-se à própria história da humanidade. Aceita-se que os grupos de primatas que começavam a ter nos cérebros as primeiras sopros psicológicos, ao redor de uma fogueira buscaram uma explicação para o mundo que os rodeava. Nessa fase já podiam raciocinar que possuíam algo de estranho a todas as outras espécies de animais e a ideia de que dominavam o mundo surgiu clara. Atormentava-os entretanto, a dúvida sobre a origem de tudo. De onde tudo viera? Haveria uma força superior criadora? Onde ela estaria? No sol, na lua, nas estrelas ou no fogo? Simples mortal, o Homem jamais encontraria uma solução tangível para essas indagações e dominou sobre todas as coisas sem nunca livrar-se de um aviso misterioso da sua consciência dizendo-lhe que ele também era dominado por uma força sobrenatural. Daí nasceram os diversos cultos religiosos na face da Terra.

A ciência viria muito depois. Os filósofos helênicos foram as primeiras criaturas humanas a tentar dissociá-la dos cultos religiosos com Hipócrates na medicina, Sócrates na sociologia, Erastóstenes na matemática e Aristóteles na biologia. Dominados os gregos, vieram os romanos, os quais afora seus bons estudos do direito, mais preocupados com as guerras de conquistas, sepultaram a ciência investigativa que só viria novamente a lume mil e quinhentos anos depois do nascimento de Jesus Cristo, no ocaso da Idade Média. Só então pode a humanidade descobrir que Hipócrates estava certo ao dizer que as doenças tinham causas puramente naturais, que a biogênese aristotélica era falsa e que o politeísmo era uma ilusão. Os posteriores estudos de Isaac Newton, Louis Pasteur e mais recentemente Albert Einstein, mostraram claramente que não tivesse a humanidade passado pela grande noite da Idade Média, Colombo poderia ter chegado à América a bordo de um transatlântico.

Jamais atentamos para esse atraso social do mundo quando em plena Era dos satélites em órbita da Terra, da comunicação internacional por computadores, das grandes pesquisas aeroespaciais, da

manipulação do DNA, cenas horríveis e dignas dos primeiros vagidos da humanidade vêm a acontecer em um canal televisivo da Era Espacial. Cristãos e muçulmanos em guerra na mesma cidade pelo simples fato de professarem cultos religiosos diferentes; determinado líder de uma seita promoveu um suicídio coletivo em nome da fé; Xiitas matando os que não prestam cultos à sua divindade e pontapés na imagem de Nossa Senhora Aparecida, um símbolo nacional.

E milhares de “fieis” abarrotam as burras de uma igreja para depois verem declarações secretas de seu líder debochando das suas ingenuidades. Concluimos que se o homem das cavernas voltasse à vida, certamente enlouqueceria vendo um avião acima de sua cabeça, o barulho de um automóvel ou as imagens de um televisor. Ao discutir religião, veria tudo com naturalidade porque tudo estaria como ele deixou há mais de um milhão de anos.

Janeiro 1996



COMENDADOR FABRÍCIO SANTOS

MESTRE SEM FORMAÇÃO

O professor André não tinha um diploma, mas tinha uma paixão. Uma paixão por ensinar, por aprender, por compartilhar. André não se importava com o que os outros pensavam dele, se ele era qualificado ou não, se ele era respeitado ou não. Ele só queria fazer a diferença na vida dos seus alunos, dos seus colegas, da sua comunidade.

Ele era um mestre na arte da vida. O professor André não via o seu trabalho como um fardo, mas como uma oportunidade. Uma oportunidade de se expressar, de se desafiar, de se superar. O professor não via o seu lazer como uma fuga, mas como uma integração. Uma integração de si mesmo, dos outros, do mundo. André não via a sua mente como uma ferramenta, mas como uma fonte. Uma fonte de criatividade, de curiosidade, de sabedoria. Ele não via o seu corpo como uma máquina, mas como uma manifestação. Uma manifestação de energia, de beleza, de saúde. O professor André não via a sua educação como uma obrigação, mas como uma aventura. Uma aventura de descoberta, de experimentação, de transformação. Não via a sua recreação como uma distração, mas como uma celebração. Uma celebração de alegria, de diversão, de prazer. André não via o seu amor como uma emoção, mas como uma essência. Uma essência de compaixão, de generosidade, de gratidão. O professor não via a sua religião como uma doutrina, mas como uma conexão. Uma conexão com o divino, com o sagrado, com o infinito.

O professor André não sabia distinguir um corpo do outro. Ele simplesmente perseguiu a sua visão de excelência em tudo que fez, deixando para os outros a decisão de saber se ele estava trabalhando ou se divertindo. Ele achou que estava sempre fazendo as duas coisas simultaneamente.

EMPREENDEDOR DO CAFÉ

Ademar era um homem simples que vivia no campo com sua família. Ele tinha apenas a 4ª série primária, mas amava o café. Ele trabalhava na plantação de seu pai desde criança, aprendendo tudo sobre o cultivo, a colheita e a torrefação dos grãos.

Um dia, ele teve a oportunidade de viajar para a cidade grande com um amigo que era comerciante. Lá, ele ficou maravilhado com as diferentes formas de preparar e consumir o café. Ademar viu cafeterias, máquinas de expresso, cápsulas, filtros e muito mais. Ele também percebeu que havia uma grande demanda por café de qualidade no mercado internacional.

Tempos depois, o jovem Ademar voltou para o campo com uma ideia na cabeça: exportar o seu café para o mundo. Ele convenceu seu pai a investir em novas tecnologias e técnicas para melhorar a produção e a qualidade do café. Ademar também fez parcerias com outros produtores locais para formar uma cooperativa. Ele usou a internet para pesquisar sobre os gostos e as preferências dos consumidores estrangeiros, e adaptou o seu café para atender às suas necessidades.

O jovem Ademar começou a enviar amostras do seu café para vários países, e logo recebeu pedidos de grandes compradores. Ele contratou uma equipe de profissionais para cuidar da logística, da contabilidade e do marketing. Ele também investiu em certificações e selos de qualidade que garantiam a origem e a sustentabilidade do seu café.

Em poucos anos, o jovem Ademar se tornou um grande empresário de exportação de café, reconhecido e respeitado no mercado mundial. Ele nunca esqueceu as suas raízes, e sempre ajudou a sua comunidade e o seu país. Ademar provou que com paixão, trabalho duro e visão, é possível realizar os seus sonhos.

MÚSICO DE UMA NOTA SÓ

O jovem João Guilherme era um músico talentoso que tocava piano desde criança. Ele tinha uma paixão pela música clássica e sonhava em se tornar um grande compositor. Porém, um acidente de carro mudou a sua vida para sempre. O músico perdeu a visão e a audição, seu braço esquerdo ficou mutilado e ficou com apenas com seu dedo indicador da sua mão direita.

O jovem músico entrou em depressão e se isolou do mundo. Ele achava que nunca mais poderia fazer música. Mas um dia, ele recebeu a visita de um amigo que lhe trouxe um presente: um sintetizador que podia ser controlado por um aplicativo no celular. O amigo explicou que o sintetizador podia produzir diferentes sons e efeitos, e que João Guilherme podia sentir as vibrações através de um fone de ouvido especial.

João Guilherme ficou curioso e resolveu experimentar o sintetizador. Ele conectou o fone de ouvido e tocou o seu único dedo no teclado. O jovem músico sentiu uma nota vibrar em seu ouvido. Ele tocou a mesma nota novamente, e percebeu que podia mudar o timbre, a intensidade e a duração do som. Ele começou a brincar com as possibilidades, e se sentiu feliz pela primeira vez em muito tempo.

O jovem músico decidiu compor uma música usando apenas uma nota. João Guilherme queria expressar os seus sentimentos, as suas dores e as suas esperanças. Ele trabalhou por meses, experimentando diferentes combinações de sons e efeitos. Ele criou uma obra única, original e emocionante.

João Guilherme gravou a sua música e enviou para o seu amigo, que ficou impressionado. O amigo compartilhou a música nas redes sociais, e logo ela se tornou viral. As pessoas ficaram fascinadas pela história de João Guilherme e pela sua música de uma nota só. Elas sentiram a sua mensagem, a sua força e a sua beleza.

O jovem músico se tornou um fenômeno mundial, e recebeu convites para se apresentar em vários países. Ele aceitou, e viajou pelo mundo com o seu sintetizador. João Guilherme tocou a sua música de uma nota só para milhares de pessoas, que se emocionaram e se inspiraram. Ele revolucionou o mundo musical, e mostrou que a música não tem limites.

PALESTRANTE GAGO

O professor Carlos era um gênio da matemática que tinha uma paixão por números, fórmulas e teoremas. Ele era capaz de resolver problemas complexos com facilidade, e tinha uma mente criativa e inovadora. O professor Carlos publicou vários artigos em revistas científicas, e recebeu vários prêmios e reconhecimentos.

Porém, ele tinha um grande obstáculo: ele era gago. Ele tinha dificuldade em se expressar verbalmente, e sofria com a ansiedade e o medo de falar em público. Ele evitava situações sociais, e se sentia inseguro e frustrado.

Carlos queria ser um grande palestrante internacional, e compartilhar as suas descobertas e ideias com o mundo. Ele admirava os grandes matemáticos da história, que tinham uma eloquência e uma carisma impressionantes. O professor sonhava em se apresentar em congressos, universidades e eventos, e inspirar outras pessoas com a sua matemática.

O professor Carlos decidiu enfrentar o seu desafio, e procurou ajuda profissional. Ele fez terapia, fonoaudiologia e coaching. Aprendeu técnicas de respiração, relaxamento e comunicação. Praticou a sua fala em frente ao espelho, ao gravador e ao computador. Ele se inscreveu em cursos de oratória, e participou de grupos de apoio.

Carlos foi progredindo aos poucos, e ganhando confiança e auto-estima. Ele percebeu que a sua gagueira não era um defeito, mas uma característica que o tornava único e especial. O professor aprendeu a aceitar e a valorizar a sua voz, e a usar o seu humor e a sua inteligência para se conectar com o público.

O professor Carlos começou a aceitar convites para palestrar, e se surpreendeu com a receptividade e o interesse das pessoas. Ele conseguiu transmitir a sua paixão e o seu conhecimento pela matemática, e cativar e emocionar as plateias. Carlos se tornou um grande palestrante internacional, e mostrou que a gagueira não era um limite, mas um estímulo para superar os seus medos e alcançar seus objetivos com êxito.



ROSÂNGELA TRAJANO



Juju e o cantinho do pensamento

Juju era uma menina feliz. Cheia de energia e saudável corria, pulava, brincava, subia em cima dos móveis da sala, jogava os brinquedos para cima, espalhava as suas roupas no chão do quarto, gritava só por gritar, às vezes achavam que ela queria chamar a atenção.

Ninguém gostava das coisas que Juju aprontava dentro de casa. Era um Deus nos acuda quando ela não ia à escola. O papai não conseguia se concentrar para trabalhar com ela mexendo nos seus papéis e desarrumando tudo e a mamãe nunca via a casa arrumada sempre tropeçando em um ou outro brinquedo que Juju largava por onde passava.

Aquela menina dava muito trabalho, diziam as pessoas. Merece umas palmadas, mas a mamãe não batia nela e nem o papai. Eles não aceitavam educar crianças daquele jeito. Até que um dia ensinaram para os pais de Juju um tal cantinho do pensamento que não dói, não machuca e disciplina criança igual a ela.

É na primeira teimosia de Juju ela foi enviada para o tal cantinho do pensamento que ficava no meio da cozinha entre o armário e o bebedouro. Não tinha nenhum conforto. Era um canto qualquer apenas. Sentada de frente para a parede branca, Juju ficava ali por horas até que seus pais achassem que ela tinha aprendido a lição.

No cantinho do pensamento, a raiva de Juju aumentava e ela ficava pensando em fazer coisa pior quando saísse dali só para se vingar dos pais por colocá-la naquela situação. Ela sofria naquele cantinho sentada em cima de um tapete de pano. Passava todo o tempo maquinando uma coisa terrível para fazer com todos os seus inimigos que a colocaram ali.

Quando saía do cantinho do pensamento, cabisbaixa, a mamãe cheia de orgulho por ter-lhe dado uma boa lição sem machucá-la e nem lhe causar dor física a Juju ia em busca da sua primeira vingança. E aprontava tudo de novo. Mais uma vez voltava para o cantinho do pensamento. Foi assim durante vários dias até seus pais perceberem que aquele tal cantinho estava atrapalhando o desenvolvimento intelectual e emocional de Juju.

Ela estava mais teimosa a cada dia, mais arengueira, mais gritalhona e na escola não conseguiu aprender mais nada apenas brincando e mexendo com as outras crianças. Os pais concluíram que os minutos que Juju passava no cantinho do pensamento não lhe traziam amadurecimento ou experiências boas, mas de certa forma, machucavam o seu pequeno espírito.

Então, eles acabaram com o cantinho do pensamento e Juju pôde finalmente voltar a brincar, gritar, correr, pular e espalhar os brinquedos pela sala. Afinal, era apenas uma criança de quatro anos de idade. Muita nova para ser castigada daquele jeito.

Juju ficou com marcas para o resto da sua vida, pois quando alguém a convidava para pensar em algo ela logo começava a chorar dizendo que não queria lembrando do tempo em que existia o cantinho do pensamento.

Para tirar aquele trauma foi preciso levar Juju ao psicólogo e conversarem sobre o que ela estava sentindo. Juju tinha medo de pensar, disse a mamãe chorando e o papai preocupado. A psicóloga boazinha conversou com Juju que confirmou que tinha medo de pensar.

Depois de muitas sessões de terapia com a psicóloga e a forma como os seus pais passaram a educá-la, Juju sentiu-se melhor e começou a ficar um tempo sozinha pensando nas suas coisas, na sua vidinha, nos seus brinquedos. Ela aprendeu que pensar era uma coisa legal e para pensar podia ser em qualquer local. Não precisava de um cantinho de pensamento feio para pensar. Os pais lhe pediram desculpas e ela ficou toda feliz ao descobrir que pensar era uma coisa maravilhosa! Quando chegava alguém na sua casa ela puxava a pessoa pela perna convidando-a para pensar junto com ela.

Juju gostava de pensar debruçada sobre a janela do seu quarto de dormir com o

seu gato ao lado e um vaso de plantinha do outro. Às vezes o pensamento não vinha, ficava com raiva e ia dormir. Será que os pensamentos são peraltas, também? Será que eles só fazem o que querem? Era uma coisa que Juju nem eu sei dizer para você, querido leitor. Vamos descobrir juntos, procurando conversar com os nossos pensamentos? Que tal a ideia?

O vovô que contava histórias de princesas para sua netinha na guerra

Era uma cidade pequena num país também pequeno. Lá morava uma menina e, os seus avós.

O país estava em guerra. Muito barulho de bombas, tiros de metralhadoras, sirenes de ambulâncias, gente chorando e gritando em pânico pelas ruas.

A menina ouvia aquilo com muito medo. O medo nas crianças causa traumas e consequências graves para a vida adulta.

Os avós da menina estavam muito preocupados com ela. Sabiam que precisavam fazer alguma coisa para que esquecesse aquela guerra horrível. Qual guerra não é horrível?

Então, o vovô passou a contar histórias de princesas e dragões o dia inteiro para a menina. Sentados confortavelmente no sofá da sala de visitas o vovô inventou um milhão de histórias onde a princesa sempre se salvava dos perigos da gente maldosa.

Sempre no meio de uma ou outra história a menina e o vovô ouviam o barulho de uma bomba ou a sirene de uma ambulância e ela se juntava mais ao ele demonstrando medo.

O vovô viveu uma guerra e sabia bem como era horrível o que ela fazia com as pessoas. Ele foi soldado na Segunda Grande Guerra Mundial, por essa razão também sentia medo igual a sua netinha.

As histórias que o vovô contava eram as mais bonitas do mundo. A menina, por alguns instantes, esquecia dos horrores da guerra. Ficava silenciosa, quietinha, só o coraçãozinho fazia tic, tac, tic, tac... e mais nada... para ouvir aquelas histórias bonitas de princesas e dragões.

Tinha princesas de todos os jeitos, as que gostavam de dançar, as que gostavam de estudar, as que gostavam da natureza e as que gostavam de bichos. Eram muitas as princesas que o vovô conhecia. A menina gostava mais de uma que tinha um dragãozinho que sempre a salvava de uma madrasta muito maldosa. Essa era a sua história preferida. Não se cansava de ouvir. O vovô já tinha contada dezenas de vezes.

Quando o vovô terminava de contar a história da princesa que criava um dragãozinho, a menina já estava pronta para pedir-lhe para contar de novo. O vovô ria e contava tudo de novo sem reclamar.

De tanto ouvir as histórias de princesas, a menina quis se tornar uma delas. E quando a guerra acabasse o vovô daria um jeito de fazer dela uma princesa boazinha e com um dragão para protegê-la de toda maldade, até mesmo se houvesse outra guerra, coisa que ela não queria nunca mais.

A vovó também passou a ouvir as histórias do vovô junto com a menina. E aquilo passou a ser a distração da família. Ouvir histórias fazia esquecer tudo lá fora. Fazia esquecer que tinha soldados andando pelas ruas e gente morrendo ali perto.

A coisa que a menina mais achava engraçada era quando o vovô lhe contava

histórias de princesas para dormir. Deitado ao seu lado na sua pequena cama, metade das pernas do vovô ficavam de fora porque ele era grandão, parecia um gigante. E nunca conseguia terminar de contar uma história porque adormecia deixando os seus óculos caírem na barriga da menina.

Naquelas histórias de princesas e dragões a menina aprendeu uma coisa que ela nunca esqueceu em sua vida: do final feliz para sempre. As princesas depois de enfrentarem muitos perigos acabavam felizes nos seus castelos. E para a sua princesa preferida que sofria muita maldade o vovô todas às vezes que repetia a história fazia um final feliz diferente para ela. Isso dava encanto a história que a menina não se cansava de ouvir.

Todos ali acreditavam que a guerra logo acabaria e que tudo terminaria bem. A menina só conseguia dormir quando o vovô contava o final feliz de uma história mesmo que ele contasse apenas o final já estava bom demais para ela.

Nos seus sonhos ela sempre era uma princesa com um dragãozinho num lugar cheio de árvores, duendes, gnomos e fadinhas. Chorava quando acordava e descobria que era só um sonho. Mais um sonho bonito.

Porém, o vovô e a vovó diziam sempre que os sonhos se tornam realidade. E ela acreditava em construir um castelo bem no meio da sua cidade com um quarto bem grande para o seu dragãozinho poder brincar e dormir sempre que quisesse. Isso tudo quando a guerra acabasse. Vai acabar logo, pensava a menina coçando os olhinhos ainda sonolentos quando o sol começava a entrar pela janela do seu quarto.

Exercícios para o bom pensar.

1 – O que podemos fazer para esquecer um momento triste que estamos vivendo?

2 – Por que a contação de histórias muitas vezes nos ajuda a esquecermos dificuldades?

3 – Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

4 – O que uma história pode mudar na vida de uma criança? Explique.

5 – Que história você contaria para alguém que perdeu uma pessoa querida? Por quê?

6 – Por que o final feliz de uma história nos traz esperança?

Desenhe você contando uma história em meio a um momento difícil.

A menina que sentia fome

A cidade de Rodelas no estado da Bahia vivia na extrema pobreza. Lá faltava quase de tudo. As famílias viviam como podiam e algumas trabalhavam em cidades próximas para sobreviverem.

Não era nada fácil a vida naquela cidade onde o sol castigava, a falta de emprego, saneamento básico e a desigualdade social tomava conta do povo.

Era preciso coragem para viver em Rodelas. Um lugar esquecido pelas

autoridades, mas amado por Deus. Sim, Ele nunca esquece dos seus filhos, e o povo dessa cidade era religioso e clamava em orações para que um milagre acontecesse e a pobreza diminuísse naquele lugar.

Havia uma menina que morava em Rodelas por nome de Ritinha com oito anos de idade e muito peralta. As outras meninas tinham medo dela, diziam que era briguenta. Mas, Ritinha era filha das ruas, das montanhas, dos deuses e do Sol. Não tinha pai e nem mãe. Vivia pelas ruas fazendo mandado, dormia nas calçadas e sentia fome, muita fome o dia inteiro.

Ritinha conheceu uma pedreira onde se quebravam pedras para vender em latas e havia as classificadas em número 1 que eram as melhores e número 2 que não eram as tão boas assim. Quem quebrasse mais pedras e enchesse mais latas recebia um bom salário.

A menina sabendo daquilo correu à pedreira para trabalhar quebrando as pedrinhas e encheu as suas mãozinhas de calos. Passava o dia quebrando pedras e à noite cansada dormia pelas calçadas feito um bicho que não tem onde ficar.

Ritinha sonhava com Deus e pedia-lhe uma casa para morar, comida e roupa para vestir. Ela achava que Deus não a ouvia porque era muito briguenta e chorava quando acordava e via que a sua vida estava do mesmo jeito.

Todos os dias de manhã, Ritinha corria à pedreira onde quebrar pedras se tornou um ritual para que ela pudesse ganhar um dinheirinho e comprar comida. Qualquer coisa que comesse durante o dia já a deixaria satisfeita.

As meninas na pedreira não tinham dó de Ritinha. Sempre disputavam com ela quem mais quebraria pedras de número 1. E sempre quem ganhava era Ritinha que recebia algumas moedinhas a mais e podia comprar 2 pães no lugar de apenas 1.

Ritinha sabia que era explorada naquela pedreira, aquilo era trabalho de adulto, de homem, de gente com força, mas era melhor não reclamar e ganhar as moedinhas suadas para ter o que comer.

Certo dia, Ritinha já tinha enchido uma latinha de pedras de número 1 quando deu vontade de ir fazer xixi. Correu para o mato. Quando voltou a sua lata estava vazia

- Quem pegou as minhas pedrinhas?
- Se eu te contar você jura que não faz escândalo?
- Não juro! Eu quero as minhas pedrinhas de volta!
- Pois eu não vou contar!
- Alguém devolva as minhas pedrinhas!
- Pega a filha do dono da pedreira! Foi ela!
- Como você sabe disso, Marieta?
- Eu vi quando ela pegou as tuas pedrinhas e as colocou dentro de uma sacola de tecido!
- Aquela nojenta! Ela vai ver que comigo não se mexe!
- Ritinha, não faça nada! Ela é a filha do dono da pedreira!
- Pode ser quem for! Mexeu comigo não fica barato! Vai me pagar e caro!
- Quebre mais pedrinhas! Rapidinho você enche uma lata!
- Não! Eu quero as minhas pedrinhas!
- Olha, Ritinha! Quem vem ali! É a filha do dono da pedreira que levou as tuas pedrinhas.

Ritinha foi prestar contas com a menina que era toda metida e não quis conversa com ela

- Ei, sua sirigaita, escute aqui uma coisa!

- Vai pra lá, menina chata! Eu sou a filha do dono disso aqui!
- Quero as minhas pedrinhas de volta!
- Que pedrinhas?
- As que você me roubou!
- Está me chamando de ladrona?
- Não! Mas sei que foi você!
- Prove que fui eu! Prove!
- Se você não me devolver as pedrinhas eu vou ficar nervosa!

A menina saiu dando pulos no meio do tempo e rindo de Ritinha que não contou duas vezes e jogou uma pedra nela. A pedra atingiu a cabeça da menina que foi chorando falar com o seu pai

- Quem fez isso com a minha filha?
- Fui eu!
- Por que jogou uma pedra na cabeça dela?
- Não joguei na cabeça! Joguei nela!
- Pegou na cabeça! E está sangrando!
- Desculpe-me, senhor! Eu só quero as minhas pedrinhas de volta!
- Que pedrinhas? Vá embora e não volte nunca mais aqui!
- O senhor não pode me mandar embora! Eu sou a sua melhor trabalhadora! Sou a que quebrô pedras mais rapidamente!

Uma pessoa adulta cochichou no ouvido do dono da pedreira e ele mudou o tom de falar com Ritinha

- Tudo bem! Eu lhe perdoo! Mas, nunca mais mexa com a minha filha!
- Se ela não mexer comigo eu nem falo com ela!
- Minha filha é um tesouro!
- Agora peça para ela devolver as minhas pedras!
- Filha, onde você colocou as pedras desta menininha?
- Eu as guardei para mim, papai!
- Então, você pegou mesmo as pedras da menina?
- Sim, peguei! Ela enche uma lata muito rapidamente!
- Mas, ela tem fome e você não! Ela não tem o que comer! Ela não tem nada na vida!
- Eu quero comprar uma boneca que anda e fala para mim, papai!
- Eu posso comprar uma boneca assim para você. Não precisa mexer nas coisas dos outros.

- Desculpe-me, papai, mas essa tal de Ritinha é uma chata e metida a briguenta!
 - Ela é muito trabalhadora, filha! Enche 50 latas de pedrinhas de número 1 todos os dias! Isso é muita coisa para uma criança da idade dela!

- Não a defenda, papai!
- Não! Eu só quero que você vá buscar as pedrinhas de Ritinha e as devolva para ela!
- Isso nunca! Não vou devolver coisa nenhuma!
- Filha, não me deixe nervoso! A menina está chorando!

O pai vendo que a filha não ia devolver as pedras decidiu pagar a Ritinha o valor em dobro da lata de pedras, mas ela bem que esperta exigiu mais

- As minhas pedrinhas valem mais do que isso! Hoje quero um jantar melhor!
- Ritinha, eu já lhe paguei o dobro do valor! A minha filha errou, mas eu não posso pagar pelo seu erro!
- Então, eu vou chorar e chorar bem alto pra todo mundo ver e saber que a sua filha roubou as minhas pedrinhas!

- Não! Eu lhe pago mais um pouco! Quanto quer pelas suas pedrinhas?
- Quero 10 vezes o valor da latinha!
- Isso é muito! Você está me explorando!
- Ou é isso ou é nada!

O homem pagou o valor que Ritinha exigiu e se foi com a sua filha para dentro do escritório da pedreira. Ritinha voltou a quebrar pedras toda contente por saber que naquela noite poderia jantar no restaurante que tanto sonhara entrar nele e pedir um monte de comida só pra ela.

Assim que o dia terminou, correu para o restaurante e mostrou todo o dinheiro que tinha ao segurança, mas ele a impediu de entrar, pois estava suja demais

- Onde meninas de ruas tomam banho? Onde meninas de ruas trocam de roupas? O que o senhor quer que eu faça para entrar no seu restaurante? Eu lhe pago o dobro do valor da comida.

O segurança não permitiu, pois era ordens do proprietário do local não deixar crianças de ruas entrar ali. Então, Ritinha pegou as suas moedas que ganhou na pedreira e comprou pão com queijo na padaria e comeu tudo sentada na calçada junto com os seus amigos pedintes e moradores de ruas que também sentiam fome.

Há lugares que por mais dinheiro que você tenha se não estiver bem-vestido não entra, pensou Ritinha revoltada com aquilo. Rodelas era um lugar de muitas desigualdades sociais, mas a maioria do povo não tinha empatia e a fome doía mais ainda nos que não tinham nada.

Exercícios para o bom pensar.

1 – O que você achou da historinha?

2 – O que você achou de Ritinha?

3 – O que você achou da filha do dono da pedreira?

4 – O dono da pedreira fez certo com Ritinha?

5 – Como se explica o jeito de Ritinha negociar as suas pedrinhas com o dono da pedreira?



COMENDADORA GRAZIELLE SANTOS SABINO

Realidade Urbana

MICROCRÔNICA

Era como um poste, uma lata onde cospem, jogam garrafas, papéis. Sob as marquises, desfalece entre trapos e jornais. Misturando-se com cinza da cidade, camuflado e desbotado. Com as pontadas se contorce, massageando seu

estômago que se enfraquece há dias. Cambaleando, perambula de um lado para o outro. Tropeça e cai. Em meio aos sacos escuros e revirados, papéis e sapatos velhos, está o seu 'remédio'. À sua volta, os roedores. Há muitos desníveis, estilhaços de vidro, mas sua feira é ali. Salivando entre as frutas podres e as sobras desperdiçadas, vislumbra o manjar deste dia. Leva as mãos ao rosto e, entre fiapos falhos e enebados, ainda esboça, numa boca vazia, alegria.

Enfermidade Social

MICROCRÔNICA

Foi apresentado a uma droga chamada LSD. Sabia da sua proibição e, mesmo não sendo usuário, quis experimentar. Em meio ao ocre das paredes e sob a cama, passou o papel com o pó na língua e pouco tempo depois, um arrepio. O suor ensopou sua blusa, não salivava, as veias saltitavam e numa frequência distorcida, um zumbido. Raios amarelos, azuis e vermelhos desciam e subiam. Flutuava, podia tocar as estrelas. Repentinamente despencou. Um forte estrondo e um caminhão. Começou a girar e a enjoar. Seus ossos estalavam com as dezoito rodas que passavam. O metal chiava de forma ensurdecadora. Depois, um silêncio angustiante e diabólico. A essa altura estava apavorado. A 'viagem' foi ruim. Desde então, não consegue mais visitar nenhum cemitério. Sua pulsação acelera e o friozinho na barriga aumenta só de pensar que poderia encontrar naquele lugar sombrio e solitário, sua própria sepultura.

FÉ e CONDUTA

MICROCRÔNICA

Um homem extremamente religioso, de ilibada moral, de um inquestionável caráter. Desempregado, via na doença do filho grande provação. Sua situação financeira se agravava e os remédios que o filho precisava, muito caros. A fé o tranquilizava. Saiu de casa esperando um 'sinal' de Deus para a sua agonia, quando, ao passar pela igreja, entrou. Solitário, fitou o altar e sobre ele, a caixa de ofertas cheia de dinheiro. Um embate de proporções nunca antes vivido rasgava-lhe o peito numa angústia mortificante. Seria perdoável jogar para cima tudo aquilo que em que moralmente e espiritualmente acreditava? Seria essa a resposta de Deus para a sua falta de recursos? Acometido por profundo silêncio, ajoelhou-se. Não aceitava tal 'tentação'. Diante de seus olhos, um flash de seu filho, doente, carecendo de cuidados e medicamentos em caráter emergencial. Mas, e a fé? Não mandaria o seu Deus tais provisões de uma forma surpreendente, rompendo todas as impossíveis situações, honrando a sua obediência? Pairava dúvidas, lutas e a dor da batalha travada entre a razão e a sua esperança. As mãos trêmulas, o suor gélido lhe encharcava o corpo que quase desfalecia. Sua trajetória religiosa sempre foi de grande certeza, de intrepidez em sua fé, mas a carne de sua carne, sangue de seu sangue está enfermo. Pesava sobre ele a responsabilidade de um pai presente e protetor.

Lançou mão daquelas ofertas a qual entendia não ter sobre ela direito e se foi. Chegando a casa, chocou-se com a resposta implacável aos seus questionamentos. Embora várias doações houvessem sido recebidas em sua ausência, em seu leito, jazia o filho.



BETH IACOMINI

CRÔNICA DO DIA
(Praia de Itaoca, ES)

Lá vem ele, bonezinho preto, faces coradas de sol, buscando seu sustento. A bermuda e a blusa azul são as mesmas de ontem, de anteontem. Óculos de grau. "É a idade", diz sorrindo.

A me ver, acena feliz e estaciona a sua carrocinha. Ofereço - lhe água mineral, bebe sufregamente. Repete agradecido: "a coisa tá feia, praias vazias, ano de penúria. Seis meses de trabalho árduo. Arar a terra, semear, plantar, cuidar, colher animado, colheita farta, graças ao bom Deus. Coco, milho, amendoim, cana. Coisinhas assim pra agradecer os turistas. Cozinhar de madrugada! Dividimos a terra, meus vizinhos e eu."

"Tem cara de mineira, acertei?"

- Risos.

Fico meio sem ter o que dizer.

Dou uma olhada na carrocinha, tentando despistar o embaraço. Meus olhos de gula me inspiram.

- Uai, cocada queimada hoje? Ele abre um sorriso e diz: "você me perguntou ontem se tinha. Pega uma e me oferece. "Essa é de graça ". Claro que aceito e, elogiando, a devoro. Que delícia, digo, mas, estou vendo que continua com as outras maravilhas, né, seu Antônio? Cocada branca (tive dor de barriga de tanto que comi, ontem), pé-de-moleque, curau, pamonha, e, ai, meu pai, tapioca com leite condensado.

- Senta-se um pouco para descansar, meu amigo! Nem preciso insistir. Cansado, queimado, dolorido...

- "Menina, gente mineira é diferente. Nunca tinha sentado numa mesa dessas." E começa a contar histórias pros meus ouvidos acolhedores. "Sabe, filha, tive um derrame cerebral e fiquei quarenta e cinco dias na UTI. Vi a morte de perto. Não queria viver mais não, sabe, mas também não podia morrer. (Olha pro céu e agradece). Mataram meu filho de vinte e seis anos, por causa de uma dívida de sessenta reais. Fiquei desesperado. A tristeza me quebrou. Minha patroa tá doente. Tenho outro filho que nunca andou nem falou, e outros dois que arrumaram um rabo de saia e sumiram por esse mundo de meu Deus. Tô meio cansado, idade chegando, mas não posso parar com o meu ganha pão. O pior é que esta temporada tá fácil não. Praias vazias. Com medo de perder minha colheita."

Como não podia deixar de ser me vêm à mente malas de dinheiro, propinas, perdão das dívidas dos empresários bilionários, e tudo o mais.

Sinto-me tão impotente, tão inábil diante desse senhor e de sua história. Perguntei-lhe a idade. Sessenta e sete anos, responde.

-Alguém já lhe informou sobre o benefício a que tem direito?

Penso na Reforma Trabalhista do Temer e tremo de indignação!

-"Filha, fui à Prefeitura, me mandaram pro INSS. Fui lá, um vizinho me levou. Mas, faltou papel. É muito difícil conseguir a aposentadoria para pobre. (Deus, Deus!) O moço até falou pra eu trabalhar mais um pouquinho, que é bom pra saúde. "

Engoli meu choro, minha revolta, já imaginando a Reforma Previdenciária. Levantei-me apresentando uma animação que não sentia e disse:

- Vamos lá, seu Antônio! Hoje vou fechar a compra com cinquenta reais. Os doces estão com uma cara ótima! Vou engordar mais um tanto, mas me fartarei com suas delícias.

Quanta felicidade cabe num sorriso, num olhar!!!? Escolhi as guloseimas, enquanto minha filha batia umas fotos dele e de sua carrocinha.

Chega um garoto correndo aflito e lhe entrega um bilhete, que leu em voz alta, soletrando:

"Vem depressa que o Paulinho surtou. Tá mal. Vê se dá pra trazer leite".

O sorriso apagou. Uma lágrima escorreu.

- Seu Antônio, leve mais cinquenta adiantado pra amanhã. Vai socorrer seu filho! Procure ficar calmo, não há de ser nada grave. (Infelizmente eu estava sem carro. Não o levo pra praia). Pedi ajuda a algumas pessoas que estavam por perto. Não encontrei quem pudesse socorrê-lo.

Volto o olhar, e lá vai ele, meio trôpego, longe, ligeiro, com sua dor, deixando -me sem sol, sem chão, sem teto, sem terra...

Só amanhã saberei o que aconteceu, caso ele volte...

DIA SEGUINTE

Amanheceu feio, céu acinzentado, nuvens engasgadas, não choravam, nem sorriam.

Abri a janela buscando algum motivo para sair, relaxar na areia... Conversar com as pessoas, me informar sobre o acontecido, ontem. Não tive ânimo, voltei pra cama. Abraçada à minha filha, planejávamos como seria nosso dia. Acabamos dormindo de novo. Dormimos por um bom tempo. O sol já tinha dado as caras quando resolvemos sair. Tomamos uma água de coco, sem vontade de almoçar. O mar estava descolorido, sem graça. A garçonete do Tropeiro Mineiro, a Marília veio a nós, solícita como sempre, pra anotar nosso pedido. Explicou-nos o motivo de a Praia estar vazia, e discorreu sobre a alteração do mar. Mineira como a gente, mas morando em Itaoca já há tempos, conhece muitos segredos do mar. Achei até interessante. Resolvi perguntar se havia novidades. Não estava vendo o seu Antônio, nem seus companheiros de milhos e pamonhas.

- Querida, você sabe me falar o que aconteceu ao Paulinho? Perguntei meio aflita.

- Morreu não, notícia ruim corre aqui, como um rasteiro de pólvora. Mas, tio Antônio não passou hoje.

Um vento gelado me arrepiou. Não era o que eu queria ouvir.

- Minha filha, vai querer almoçar?

- Não, mãe, comi um sanduíche em casa. Só mais tarde. Melhor a gente ir embora, tá frio, aqui.

Fizemos isso, depois de driblar uma bola que já vinha na nossa direção, com força.

Eta, dia esquisito!

Pegamos o carro e fomos comprar lembrancinhas para levar pra família. Sem nos esquecermos da nossa Maria e da Marília, linda garçonete.

Esperar amanhã, me lembrando do "Pedro Pedreiro" de Chico Buarque. "Pedro não sabe, mas talvez no fundo espere alguma coisa melhor do que o mundo, maior do que o mar, mas pra quê sonhar se dá, o desespero de sonhar demais"...

O sonho de ver o Seu Antônio curtindo uma vida digna, como todo cidadão tem direito. Fazendo as refeições necessárias com sua família, com saúde, assistência social, numa casa humanamente confortável. O Paulinho e a "patroa" sendo assistidos adequadamente. Sua carrocinha de doces só para guardar de lembrança, estacionada em sua garagem. Claro, me oferecendo a cocada queimada com o seu lindo sorriso de alegria e esperança, quando eu aqui estiver. Hoje sou "Pedro Pedreiro" esperando o dia da realização plena da justiça social.

FIM DE EPISÓDIO

Maré baixinha, céu azul, praia cheia...

Sempre acredito nos sinais da natureza.

O dia tá diferente. Mais calor, mais bonito. O mar verdinho prenuncia boas novas.

O abraço aconchegante da Marília, as boas vindas do Seu João, dono do TROPEIRO MINEIRO, apresentando-me a um conterrâneo meu, desconhecido pra mim, mas citou o nome de todos os meus irmãos. Meu coração esperançoso bate mais forte. Novidade: o seu Antônio é conhecido na região como "Zé da

Cocada". Motivo pelo qual não havia conseguido notícias do Paulinho. Abro a canga na areia. O sol convidativo, quentinho! Sento-me e coloco óculos escuros com grau para distâncias. O que vejo? Vocês já podem adivinhar. Um carrinho de doces empurrado por um senhor de boné preto e blusa azul. Rosto corado de sol, óculos de grau. Suspirei tão fundo que doeu o peito. Num impulso justificado, levantei-me e fui ao seu encontro.

- Ah! Zé da Cocada, né? Saiba que me deixou aflita? Vamos sentar, tomar água! Quero saber do Paulinho!

- Filha, bom dia! Posso parar hoje não. Tenho de aproveitar a Praia cheia. Trouxe bastante água. Precisa me dar não.

Observei uma ponta de tristeza em seu olhar meio cabisbaixo.

- O Paulinho, filha tá internado. Uma crise braba! Tá lá amarrado no isolamento. A patroa não me falou que o remédio tinha acabado. Ele deu convulsão. Desta vez foi muito forte. Meu camarada da farmácia o levou para o hospital. A mãe não pode ficar com ele, e eu preciso trabalhar. Ela é doente dos nervos, sabe, filha, tem cabeça boa não. Meu filho tá lá, coitado. Trinta e seis anos de sofrimento. Deus é Pai. Vai fazer o melhor pra ele.

Imaginei as comorbidades advindas da deficiência que tinha. Disfunção Neuromotora, epilepsia, esquizofrenia, surdez e comprometimento mental grave...

- Olha, seu Antônio, o que posso fazer pra ajudar? Posso ir visitá-lo, levar alguma coisa na sua casa, algum apoio, sei lá...

- Obrigado, Filha, precisa não. Já ajudou muito. Minha prima tá com minha patroa que só sabe chorar. Paulinho tá preso numa cama, nas mãos de Deus. Peço oração pra eu ter força no meu trabalho. Fique com Deus Filha! Ele há de abençoar toda sua família. Você tem bondade no coração. Antes de ir quero que pegue os doces que me pagou adiantado. Valeu muito, filha!

- Deixe pra amanhã. Ainda tenho em casa.

- Mas, pode chover. Não venho com chuva.

- Tem problema não. Vou ficar até domingo.

- Vou andando, então. Até mais ver!

- Vai com Deus! Boa sorte!

Nossa, me senti tão pequena, tão, tão...

Fiquei olhando aquele senhor com o coração partido. Parando aqui, ali. Empurrando sua dor...



LUCIENE AVANZINI

SANTA JUSTICEIRA

Gil, missionária dedicada, há muitos anos trabalha na Santa Casa de Misericórdia de Currais. Localidade pequena, sem muitas oportunidades de emprego, e onde a cultura da violência contra a mulher apresenta uma estatística absurdamente alta. Diante desse quadro, o medo impera entre mulheres e crianças. Criada nesse ambiente hostil, muitas vezes reflete sobre si. Nesse momento ouve os passos da Ir. Beatriz, ela avisa que o Padre Capelão chegou ao convento. Agradece e sai apressadamente ao encontro dele.

Chegando na Sala das Confissões, aguarda ansiosa pela sua vez. Ao ajoelhar-se no confessionário o Padre Capelão pergunta:

—O que a está afligindo?

Ela pede a benção e começa:

—Às vezes me pego com pensamentos ruins. Sinto o desejo de fazer justiça com

minhas próprias mãos. Sinto que não sou boa, nem má pessoa, só percebo que entre maldições e preces, ajoelho-me, clamo, como uma beata insana. Mas, ao menor sinal de violência vistouma capa de invisibilidade e entro em ação.

—Minha filha, tire esses pensamentos ruins da sua mente, entregue tudo nas mãos de Deus. Ele saberá o que fazer.

—Padre, tem horas que a maldade é tanta... Faço arder corações, caminho do prazer à loucura, como se coração não tivesse, oscilo entre a crença e o desengano, a insanidade toma conta de mim.

—Você fez muito bem em vir conversar comigo. O inimigo está tentando tomar conta de você. Precisa de dedicar mais as orações. Não se deixe levar pelos apelos do inimigo. Ele sabe muito bem qual o nosso ponto fraco. Lute contra ele.

—Sem lutar, do mal padeço, sou capaz de ações contraditórias, de horríveis a sublimes. São sentimentos maiores do que a minha vontade.

—Mais um motivo para você se tornar uma Irmã Contemplativa.

—Não consigo imaginar uma vida inteira enclausurada. Preciso me sentir útil para os necessitados.

Despede-se do Padre e encaminha-se para a Capela para cumprir as penitencias ditadas pelo Padre.

Sentindo-se mais só do que nunca, balbucia:

—Falo, ninguém me ouve, toco, ninguém me sente. Realmente sou uma pessoa invisível nessa multidão...

A medida que o tempo vai passando vai brotando nela um forte sentimento de vingança, vezes é um demônio que agita, outras um Deus que acalma.

Alguns dias depois, vilarejo foi sacudido com a notícia da morte da Maria José, moça recatada, noiva do Marivaldo. Eles estavam com o casamento marcado para dali há quatro meses. Seu corpo foi encontrado do outro lado da cidade, próximo da Cabana Amarela. O que ela estaria fazendo por aquelas bandas? Quem a teria atacado com tanta crueldade? Perguntas que ficavam sem respostas. Marivaldo, um bom rapaz, que nasceu e cresceu no lugar, era amado e respeitado por todos. Maria Jose e Marivaldo foram cresceram juntos e sonhavam um dia poder casar e constituir uma grande família. Mas, o destino saiu na contramão e atropelou todos os planos do casal. Infelizmente não foi a primeira nem a última mulher a ter sua vida ceifada

Gil está inquieta, sentia que não iria conseguir manter sua paz interior se continuasse ali sem tomar atitude. Sabia que era muito arriscado, mas seu sangue ferve, pedindo justiça.

Seus pensamentos se voltam para um passado, não muito distante, mas que estava ainda vivo em sua memória. Conseguiu vingar a morte de muitas mulheres que sofriam maus tratos dos seus companheiros. O pior, elas ainda se sentiam culpadas, acreditando que mereciam sofrer os “castigos” impostos por seus “carrascos”, foram muitas Marias, Adrianas, Carlas, Marielles, entre tantas outras que talvez nem mais lembre seus nomes.

Tem momentos que ela gostaria de clamar ao mundo:

—Vocês não estão sozinhas! Entretanto, sabe que precisa agir em silêncio.

Ninguém pode saber quem ela é realmente, nem o que está planejando. Seu coração, se é que tem, clama por vingança. A justiça dos humanos é muito lenta.

Olha para o Céu e fala para as estrelas:

—Minha noite será de vigília, irei orar até o dia raiar.

O dia amanhece abafado, sinal de que alguma tempestade está se formando.

Alheia ao seu redor, vai fazendo suas obrigações diárias mecanicamente, pois sua cabeça vai maquinando meios para colocar seus planos em prática.

A Madre Superiora, a chama até a sua cela. Ficou visivelmente irritada, sabia que teria mais trabalho a fazer. Ao chegar, bateu levemente na porta, e ouviu:

— Entre, a porta está aberta!

Gil, percebeu que algo estava errado. E perguntou:

— Está tudo bem Madre?

— Sim, está tudo bem, mas eu preciso que você vá até Sacramento, pegar uma correspondência. Pois ao invés de vir diretamente para cá, o mensageiro entregou na Casa Paroquial.

A Madre foi dando as instruções e Gil foi anotando tudo mentalmente.

A tempestade anunciada começou a cair. Foram três dias de chuvas intensas. As estradas ficaram intransitáveis. Dificultando qualquer deslocamento entre elas.

Após todas as irmãs se recolherem, sai em direção a Gruta dos Sete Buracos. Chegando lá, percebe que tudo ainda encontra-se na mais perfeita ordem. Tira seu hábito e olha-se no espelho, gosta do que vê. Seus olhos brilhantes irradiam uma luz que só surge quando se encontra diante de situações extremas. Nada nela, lembra a doce e recatada Gil. Sente o sangue correr mais rápido pelas suas veias, está de volta à vida... ou à morte?

A expectativa de vingar a morte de Maria José traz um estado de intensa euforia. Sente o cheiro e o sabor de sangue fresco. Seu corpo inteiro vibra diante da expectativa da morte.

O silêncio angustiante do local só é quebrado pelo canto da “rasga mortalha”, trazendo o mau agouro que tanto se fala na cultura da região. Ela está tão imersa nos seus pensamentos que não percebe a aproximação de outra tempestade. Raios cortam o Céu, com muito esforço, consegue fechar a entrada da gruta. Há uma luta entre os elementos da natureza. Logo se acalmarão. Enquanto aguarda, conversa com os seus guias e pede que as orientações sejam passadas. Anota tudo o que precisa fazer.

O temporal parece não ter fim. Será que os guias estão querendo preveni-la de que algo pode dar errado?

Começa a ficar insegura. É tudo o que não precisa sentir agora é a insegurança. Vai até o fogão, coloca um pouco de água no caldeirão, que logo começa a ferver, em seguida, vai colocando os ingredientes, um a um, seguindo a orientação recebida. Feliz com o resultado, falou em voz alta:

— O elixir ficou pronto. Vou aguardar um sinal para usar.

Guardou o elixir e retornou ao Convento. No Céu não havia nenhuma estrela. Era noite escura. Conseguiu entrar sem que ninguém tivesse percebido sua ausência. Logo o dia iria raiar e precisava enfrentar a estrada para Sacramento.

A viagem transcorreu sem incidentes, encontrou facilmente a Casa Paroquial, pegou a correspondência e logo retornou para o vilarejo.

No ônibus, começa a observar os passageiros, percebe apesar de estar muito cheio, ainda tem assentos vazios, mas é por pouco tempo. Logo entra um grupo barulhento de jovens e entre eles, o Marivaldo.

Na noite seguinte, encaminha-se para a gruta, é chegada a hora, precisa de se preparar, a roupa está perfeita. O adereço reluz sob a lamparina, uma pequena adaga, que na sua empunhadura é cravejada com rubis, esmeraldas e uma bela granada, dispostas de forma simétrica, resultando no seu animal de poder.

As forças da natureza se encontram em harmonia. É chegada a hora. O tempo ameno favorece a caminhada. Sabe que é o dia de folga do Marivaldo.

Calmamente, chega à Casa Noturna “bem” frequentada da região. Olha ao redor e vê que Marivaldo, está a poucos metros dela. Pensa: será fácil, só não posso errar.

Consegue atrair sua atenção, ele se aproxima, oferece uma bebida, Gil não aceita. Percebe que, olhos dele percorrem seu rosto, descem para os seios e para o corpo.

— Coitado, caiu na armadilha.

Aproveitou para se insinuar um pouco mais. Deu um sorriso meigo e cheio de segundas intenções e aguardou o convite que logo viria, ela sabia.

Marivaldo se aproximou e perguntou:

— Está sozinha?

Antes mesmo que respondesse, sentou-se na cadeira ao lado. Começou falando de amenidades.

— Você é nova por aqui? Jamais esqueceria se algum dia tivesse cruzado com você

— Não sou daqui.

— Veio para ficar ou está só de passagem?

— Estou de passagem, logo terei que partir

Para parar com a chuva de perguntas que ainda estariam por vir, ela começou a perguntar sobre como era a vida dos habitantes locais, sua cultura, sua fonte de trabalho, e assim a noite passou. Estavam tão envolvidos na conversa, que não perceberam o tempo passar. A adaga começou a queimar a pele de Gil, dando sinais de impaciência, era hora de ir. Não seria um caso fácil de ser resolvido, como havia previsto. Precisava ser muito cuidadosa. Ele ao perceber que ela estava inquieta se ofereceu para acompanhar até a sua casa. Foi dispensado educadamente e enquanto ele se levantava para acertar a conta, saiu sem se despedir. Fez o caminho de volta, envolta na neblina que havia tomado a paisagem. O que a deixou tranquila, pois ninguém iria conseguir visualizar por onde seguiu.

Retornou ao Convento, foi direto para a sua cela. Seu coração não estava satisfeito, nada saiu conforme planejou. Por outro lado, sabia que tudo tem a hora certa de acontecer.

Passou a semana entre os trabalhos na Santa Casa, os jejuns e as orações. No seu íntimo algo tinha mudado. O que mudou? Por que estava tão insatisfeita? Será que foi por não ter dado um fim ao Marivaldo? Não, ela sabia que não era esse o motivo. Começou a sentir um misto cruel de desejo carnal. Algo estava fora do lugar. Ela não poderia se envolver com a sua vítima.

Sexta-feira se aproxima, um novo esquema tem que ser montado para que ela possa sair do Convento, sem que sintam sua falta. De repente, ela lembra...

— Ainda estou com a porção que preparei na gruta. Sorrateiramente, entra na Cozinha e mistura essa porção na água que será utilizada para o café e o chá das irmãs. Conhece bem seus hábitos, após as dezoito horas elas virão preparar algo para comer, visto que é dia jejum.

Na sua pequena cela, aguarda os sinais, o silêncio era absoluto! Veste um sobretudo e sai em direção ao portão dos fundos, que dá para a gruta. Não conseguiu chegar na metade do caminho, a Irmã Selma, uma freira robusta, responsável pela cozinha, vinha cambaleando em sua direção. Balbuciava palavras que ela não conseguia entender. Era um pedido de ajuda, estava passando muito mal e acabou caindo dura no chão. Gil, olhou ao redor, ninguém mais estava por ali, só elas duas. Uma sombra de humanidade a

envolve e ela resolve verificar seus sinais vitais, Ir. Selma já não tinha mais pulsação, as pupilas estavam dilatadas, o cheiro de urina subiu pelas suas narinas. Coitada, já não tinha mais o que ser feito por ela.

Fez o Sinal da Cruz, e falou:

— Que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Deixei o corpo caído ali mesmo. Tinha algo urgente a fazer.

Certificou se a adaga está consigo e sentiu a resposta imediata, o seu frio aconchegante colado a sua pele a tranquiliza.

Percorre o caminho até a gruta rapidamente. Após toda a transformação segue em direção à Casa Noturna, Marivaldo vai ao seu encontro, seu rosto demonstra alegria e a abraça efusivamente. Apesar de ter estranhado a atitude dele, gostou do calor do seu abraço.

— Sim, gostei do seu abraço.

O desejo cruel começa a tomar conta do seu corpo. Começa a sentir a vibração do seu sexo e sabe que ele também está sentindo a mesma coisa. A eletricidade está no ar.

— Ainda não sei seu nome? Falei sobre você com um amigo e como não sabia seu nome, dei a você o nome que achei que teria, Rosa

— Por que você achou que meu nome poderia ser Rosa?

— Porque toda rosa é única e para mim não existe nesse mundo ninguém tão especial quanto você.

O elogio bateu fundo no coração de Gil. Balançou sua estrutura de aço.

Convidou-me, cheio de encanto para acompanhá-lo... Ele sabia que deveria ir devagar, pois a sua “Rosa” era muito delicada. Os afagos ficaram mais intensos. Aproveitando o momento em que ele se levantou para pegar mais uma bebida, ela cuidadosamente, retirou a adaga do local que estava escondida e colocou dentro de uma pequena bolsa.

Logo ele a convida para ir até sua casa. Fingindo surpresa, combinou que iria na frente e esperaria por ele, para não atrair atenções. Marcaram de se encontrar a Cigarreira do Zé, do outro lado da cidade. Gil rapidamente do local e foi em direção ao local combinado. Com as emoções conflitantes, não percebeu que estava sendo seguida.

Em frente a Cigarreira do Zé, a cabana amarela ainda se encontrava de pé. Sem pensar duas vezes, ela entrou e viu que estava na maior desordem.

— Faz muito tempo que ninguém entra aqui. Desde aquele fatídico dia em que eu enfiei minha adaga no pescoço do homem que se dizia meu pai e que estava asfixiando Marta, a minha madrasta. As imagens ainda estão muito vivas em minha memória. Vejo aquele corpo pesado caindo se esvaindo em sangue, seus olhos arregalados e a minha madrasta me abraçando e chorando. Ela ainda não havia entendido o que havia acontecido. Só depois que percebeu o corpo inerte foi que se tocou do ocorrido. Rapidamente trata de me tirar dali para que eu não tivesse que pagar por esse crime.

Mesmo envolta nas suas memórias, Gil ouve passos que se aproximam da cabana, prende a respiração. A porta se abre, visualiza um homem se aproximando do local onde está... O ataque foi inesperado, rápido e preciso, ela é certa. Ele não tem tempo para nada, o golpe é fatal.

Ela sai rapidamente e fecha a porta. Atordoada, resolve pegar o caminho inverso da Casa Noturna.

As notícias correram, a população está em pavorosa. Muitos acontecimentos estranhos, na noite anterior morrem a Ir. Selma, sem motivo aparente, e um

andarilho que havia chegado à cidade naquela semana.

O velório da Ir. Selma está sendo realizado na capela do convento. Gil, acompanha tudo com atenção. Desconfia que ela morreu por ter tomado chá em excesso. A porção se utilizada comedidamente apenas fazia com que o indivíduo entrasse em um sono profundo por muitas horas. Mas quando tomada em excesso acaba levando a uma parada cardíaca, é o que deve ter acontecido. Ao levantar seus olhos, vê que o pessoal da funerária já está entrando para pegar o caixão e transportar até o cemitério. O pior, Marivaldo estava entre eles. Que situação, e fala baixinho

— Esse homem tem parte com o demo. Como pode ter sobrevivido? Será que estou vendo fantasma?

Fecha os olhos e entra em oração. Não, não é fantasma. É ele mesmo, Marivaldo em carne e osso que está fechando o caixão. Como Gil está uniformizada, não haverá perigo de ele a reconhecer. De qualquer maneira, ela precisa sair o mais rápido possível dali, para evitar qualquer acidente. Neste momento, lembrou do pobre do andarilho...

— Será que fui eu que o matei? Ai meu Deus, eu matei o homem errado! Mas o que ele estava fazendo na Cabana Amarela?



NILTON DE AQUINO ANDRADE

UMA HISTÓRIA DE AMOR EM PONTE NOVA-MG
(Prosa toponímica)

História de amor, TRES CORAÇÕES envolvidos, sendo que ANNA FLORÊNCIA ama DIOGUINHO que ama FÁTIMA, trata-se de um TRIÂNGULO amoroso que só SÃO JUDAS TADEU poderá desatar. Enquanto esta última se prepara para casar na capela de SÃO PEDRO no PALMEIRAS, FÁTIMA vive uma luta constante com ANNA FLORÊNCIA que quer folgança, um BOM VIVER, um PASSA TEMPO, já que é filha de um português abastado, residente do VAU AÇU, chamado MANUEL LUCAS, que veio de trem do Rio de Janeiro adquirindo terras na VILA OLIVEIERA, VILA ALVARENGA e VILA ALEXANDRINA, além de uma fazenda no MASSANGANO, onde já produziu cachaça. Ele morava na Barra da TIJUCA, um dos bairros mais antigos e tradicionais da Zona Norte do Rio de Janeiro, ocupado pelos jesuítas, depois que os portugueses expulsaram os franceses do país, isso nos idos do século XVI, quando instalaram imensas fazendas de cana de açúcar, principalmente a CAIANA, trazendo esta experiência para PONTE NOVÁ nas

fazendas do CHOPOTÓ, SANTA HELENA e JATIBOCA.

O DIOGUINHO, jovem de 25 anos, é o dono de um pesque-pague no SOMBRIO, com vários açudes, uma LAGOA SECA e outra RASA que abastece de água a GRANJA SANTA MARIA.

A FÁTIMA, moça pobre e pessoa mais humilde e de família de GENTIOS ou não cristãos, tem a fama de ser MAFRA, ou seja, meio ordinária, apesar de ter um RANCHO NOVO, recebido da SESMARIA do próprio português, pai da ANNA FLORÊNCIA.

O pai de DIOGUINHO, O ABEL PESQUEIRA é um INDUSTRIAL e sua mãe ROSÁRIO DO PONTAL uma professora, colocam o filho EMPAREDADO, porque defendem o casamento com a primeira, que é rica, visando o PROGRESSO do filho. Dizem que BOM SERÁ que nosso filho se case com alguém mais abastado e buscar um NOVO HORIZONTE, visando uma FORTALEZA com a herança da ANNA FLORÊNCIA, já que ela tem três apartamentos na praia, sendo um em COPACABANA, outro em IPANEMA e outro em NOVA ALMEIDA, terras cariocas e capixabas, além de um sítio no BRITO, tendo uma LAGE DO PIRANGA em um VÃO GRANDE, impedindo navegação RIO ACIMA. Entretanto, só Deus sabe a beleza do lugar, formando um VALE DO SERENO, já que o lugar é um VALE VERDE, semelhante a um VALE SUÍÇO, onde ao lado escorre o CORREGO DO ANGELIM que se transforma em um RIBEIRÃO, formando em seguida uma bela, mas perigosa CACHOEIRA que QUEBRA CANOA E CANOAS. Lá também CANTA GALO, GUARAPIRANGA e sabiá, tem PALMEIRAS, PEROBA e CEDRO, que mesmo com as plantas daninhas denominadas de POAIA tem uma bela vista para o SÍTIO da SERRA DOS PINHEIROS. É um verdadeiro PARAÍSO, onde o JARDIM na PRIMAVERA se forma uma linda CHACARA DAS FLORES coloridas e perfumadas.

O DIOGUINHO é um PALMEIRENSE doente, esportivo e joga com as duas donzelas. Seus pais rezam para SANTO ANTÔNIO, SANTA TEREZA, SÃO GERALDO, NOSSA SENHORA AUXILIADORA e SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, esperando o dia PRIMEIRO DE MAIO para oficializar o noivado com a primeira. Prometem que se ele casar com a ANA FLORÊNCIA vão lhe presentear com uma fazenda no VALE DO IPÊ numa CIDADE NOVA, CIDADE DA SERRA e da PRAIA, bem no ALTO DA BOA VISTA, lugar distante da FÁTIMA, onde para se ter acesso está se construindo uma PONTE NOVA que facilitará o seu romance. Também deu mais duas opções, sendo uma fazenda em PIRAPORA, no norte de Minas ou VARGINHA, cidade do Sul de Minas.

Ciente da troca do verdadeiro amor pela tentação possessiva de bens, seus familiares de SUMARÉ a convidaram para que ela se mudasse para lá, já com o emprego garantido na Fábrica de Móveis BOM PASTOR. Sua mente girava como um PIÃOZINHO, estando muito magoada na noite da sua viagem e do noivado, visando um BOM FIM, seu sofrimento foi pior porque destinou TRES TIROS vazando o CENTRO do seu próprio coração.

ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DE PONTE NOVA
ALEPON

Presidente: Maria Elizabeth Moreira Leite Iacomini
Vice-Presidente: Júlio Cezar de Oliveira
I Secretária: Ester Alves Trindade
II Secretário: Júlio Valadares
I Diretor Financeiro: Wilma Maria Quintiliano de Oliveira
II Diretora Financeira: Maria da Graças Bigon Sanches
Orador Oficial: José Camilo Filho
Chefe de Protocolo: Tânia Mara Sasse

Conselheiros Fiscais:
Gilson José de Oliveira – Presidente
Edneia Tomaz – Secretária
Wilza Mayrink
Maria da Graças Bigon Sanches

Diagramação:
Rosângela Trajano

